



## A RE-EXISTÊNCIA DO SANTUÁRIO DOS PAJÉS COMO UM SÍMBOLO PARA OS POVOS DO CERRADO

*The Re-existence of the Santuário dos Pajés as a Symbol for the Peoples of the Cerrado*

**Stephany Costa de Oliveira  
José Vandério Cirqueira Pinto**

### RESUMO

Este trabalho analisa a história e a luta territorial dos povos indígenas no Santuário dos Pajés, localizado no Setor Noroeste do Distrito Federal. Explora como a expansão urbana e a desterritorialização impactam as comunidades indígenas, destacando sua resistência e a busca contínua pela reterritorialização de seu território sagrado, enfrentando o desafio de preservar suas práticas e identidade em uma cidade em constante transformação.

**Palavras-chaves:** Povos Indígenas; Santuário dos Pajés; Território.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relembrar os eventos geográficos que ocorreram antes da interiorização do país, em áreas que hoje fazem parte do território do Distrito Federal. A região, rica em biodiversidade, clima ameno e alta altitude, sem grandes riscos de alagamentos e banhada por diversos corpos d'água, foi um local privilegiado para a habitação dos povos originários da nação Macro-Jê. Esses fatores, somados à invasão do litoral durante o período colonial, tornaram o Cerrado uma escolha natural para os povos originários, que migraram para essa região após a ocupação do litoral.

Altair Sales Barbosa (2002) destaca a geografia favorável do Cerrado para a presença e mobilidade dos povos indígenas, referindo-se a esses grupos como "Andarilhos da Claridade". A fisionomia do Cerrado, aberta e espaçada, com sua geomorfologia tabular e a rica biodiversidade, favoreceu o deslocamento e a permanência desses povos, formando uma geografia arqueológica rica e culturalmente diversa.

Este estudo propõe traçar os caminhos históricos e as trajetórias migratórias desses povos, buscando reconstruir a cartografia do passado. A pesquisa é fundamental para compreender a continuidade da presença indígena no Distrito Federal, especialmente no Santuário dos Pajés, um território de resistência ancestral. Mesmo após a expansão imobiliária na região, que incluiu a construção de condomínios habitacionais, esse território permanece.

A criação de Brasília, em 1960, ocorreu em uma região já marcada pela desterritorialização indígena, iniciada desde o século XVIII com a colonização portuguesa e a exploração mineral. O processo de expansão colonial e a decadência do ciclo do ouro resultaram no deslocamento forçado e no extermínio de populações indígenas, substituindo

<sup>1</sup> Graduando de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília, stephany61902@estudante.ifb.edu.br

<sup>2</sup> Docente de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília, jose.vanderio@ifb.edu.br

seus territórios por áreas de monocultura.

Com a criação de Brasília, no século XX, restaram apenas pequenas populações indígenas remanescentes, que, apesar do processo de desterritorialização, resistiram. O objetivo central desta pesquisa é mapear e identificar os territórios indígenas no Distrito Federal, refletindo sobre os caminhos percorridos pelos povos originários, com foco na resistência e na presença do Santuário dos Pajés até os dias atuais.

Os resumos expandidos devem ser digitados em tamanho de papel A4 (21 x 29,7 cm), com margens de 2,5 cm (superior, inferior, esquerda e direita). O texto deverá ser escrito em fonte 11, espaçamento simples, justificado, com recuo de 1,5cm no início de cada parágrafo. Deve ser respeitada a distância de 6 pontos de espaçamento após cada parágrafo. Usar a norma atualizada da ABNT para citações (NBR 10520/2023).

## METODOLOGIA

Este trabalho busca analisar, comparando passado e presente, os caminhos e pontos de concentração dos povos originários no Distrito Federal após a construção de Brasília. O foco será o Santuário dos Pajés, que simboliza a resistência indígena, reunindo diversos povos de diferentes regiões. O estudo questiona o destino dos povos originários do tronco Macro-Jê e como os trajetos históricos influenciaram a chegada de novos grupos na atualidade. Além disso, examina como o Santuário dos Pajés mantém vivas as tradições indígenas em meio à urbanização.

A fundamentação teórica envolve contribuições de Carlos Walter Porto-Gonçalves (2006) sobre o sistema colonial e a resistência territorial, e Raul Zibechi (2015) sobre r-existência. O conceito de território será abordado a partir das ideias de Marcos Aurélio Saquet (2013) e da perspectiva descolonial de Haesbaert (2021). O trabalho de Joelson Ferreira (2021), "Por terra e território", e a Teia dos Povos, também fornecerão apoio, destacando as lutas territoriais contra os modelos de exploração predominantes.

No campo dos estudos indígenas, serão utilizados os trabalhos de Ailton Krenak (2022), Eduardo Viveiros de Castro (2018), Levi-Strauss (1989) e Pierre Clastres (2013). A pesquisa será guiada pela fenomenologia, com base nas abordagens de Paul Claval (2007) sobre geografia cultural e fenomenológica.

O levantamento de dados se dará por meio de consultas a órgãos que mantêm registros demográficos dos povos indígenas no Cerrado Brasiliense, como os Xavante, Xerente, Xakriabá, Krahô, Karajá, Fulni-ô, Tapuya, Tuxá, Kariri-Xocó, Guajajara e Tupinambá. Além disso, serão analisadas teses, dissertações, monografias, artigos e matérias de jornal.

A pesquisa será dividida em três etapas: 1) visitas de campo no Santuário dos Pajés para reconhecimento, levantamento de dados e participação em rituais; 2) levantamento bibliográfico e documental sobre o Santuário e os povos indígenas do Cerrado; 3) mapeamento do território indígena no DF, com tratamento dos dados, incluindo gráficos, tabelas, fotos e relatos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

<sup>1</sup>Graduando de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília, stephany61902@estudante.ifb.edu.br

<sup>2</sup>Docente de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília, jose.vanderio@ifb.edu.br

A partir da análise proposta, é possível concluir que a terra indígena dentro de Brasília, o Santuário dos Pajés, já se encontra em uma situação de subordinação, constantemente ameaçada pela expansão urbana e pela falta de uma proteção efetiva. O território, que antes possuía 50 hectares, hoje se vê reduzido a apenas 32 hectares, o que reflete a pressão da urbanização e o risco contínuo de perda territorial, especialmente com a expansão do Setor Noroeste e a morosidade na demarcação das terras indígenas. Essa diminuição do espaço físico representa não apenas uma perda material, mas uma ameaça direta à continuidade cultural e à autonomia dos povos originários que ali resistem.

A questão levantada sobre a segurança jurídica das terras indígenas, mesmo quando declaradas, é central para entender o contexto de insegurança em que essas comunidades vivem. Como mencionado, a terra é um símbolo de resistência, mas a sua proteção efetiva está constantemente em jogo. A pergunta que surge é, de fato, pertinente: "uma terra declarada assegura sua segurança?". A resposta, em grande parte, é negativa, pois o Estado, ao longo da história, tem sido um agente de subordinação e de controle sobre os povos indígenas, como bem apontado por Pierre Clastres (2013). Embora haja um reconhecimento formal da terra, o processo de resistência é incessante e os povos originários precisam lutar constantemente para garantir que seus direitos territoriais sejam respeitados, sendo muitas vezes vítimas de projetos de infraestrutura e de interesses imobiliários que visam apropriar-se dessas áreas.

A reflexão proposta por Clastres (2013), sobre a relação entre a sociedade indígena e o Estado, aponta que, para essas sociedades, o Estado sempre foi uma força externa e hostil, e não uma entidade que lhes oferece segurança ou proteção. Pelo contrário, a relação histórica do Estado com os povos originários tem sido de dominação e marginalização. O Estado, em vez de garantir a segurança dessas terras, frequentemente é um dos principais responsáveis por sua destruição ou deslocamento. Portanto, a segurança das terras indígenas depende não apenas do reconhecimento formal, mas também da luta contínua e da capacidade dessas comunidades de resistir à pressão do capital, das políticas públicas e da urbanização, elementos que estão frequentemente em contradição com os direitos indígenas.

Em um contexto de segregação e de constante risco de perda territorial, a luta pela terra e pela preservação cultural se torna um ato de resistência não apenas no plano físico, mas também no plano simbólico e político. Portanto, mesmo com a terra oficialmente reconhecida, a batalha para mantê-la e protegê-la segue sendo uma luta constante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões levantadas, pode-se afirmar que a permanência dos povos indígenas em Brasília, uma cidade que desde sua construção foi marcada pela exclusão e segregação, é uma luta constante e um símbolo de resistência. A crescente urbanização sobre o que outrora foi seu território coloca esses povos em uma situação de constante ameaça. Essa resistência é ainda mais significativa, pois muitos desses povos habitam uma região associada ao tronco linguístico Macro-Jê, cujos membros não são originalmente da área ocupada pelo Santuário dos Pajés.

Dessa forma, é fundamental retomar as histórias indígenas e compreender que, mesmo em um território que foi transformado pela construção de uma capital urbana, os povos indígenas continuam existindo e re-existindo. A narrativa desses povos, como os Fulni-ô, Tapuya, Tuxá, Kariri-Xocó, Guajajara e Tupinambá, no Santuário dos Pajés, exemplifica a continuidade de suas culturas e suas lutas. Esses povos não apenas sobrevivem, mas reafirmam suas identidades e práticas culturais, resistindo à tentativa de apagamento de sua presença e existência no coração de uma cidade que, historicamente, os marginalizou. Assim, a

<sup>1</sup>Graduando de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília, stephany61902@estudante.ifb.edu.br

<sup>2</sup>Docente de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília, jose.vanderio@ifb.edu.br

re-existência indígena no Santuário dos Pajés se torna um marco de resistência e de afirmação da diversidade e da continuidade dos povos originários no contexto urbano de Brasília

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Altair Sales. **Andarilhos da Claridade:** Os primeiros habitantes do Cerrado. Goiânia. Universidade Católica de Goiás. Instituto do Trópico do Subúmido. 2002.
- BRAYNER, Thais Nogueira. **É terra indígena porque é sagrada:** Santuário dos Pajés – Brasília/DF. 2013. 150 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/14628> Acesso em: 08/04/2025
- CASTRO, Eduardo Viveiros. **Metafísicas canibais.** São Paulo: Ubu. n-1 edições, 2018.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado.** São Paulo: Cosacnaiy, 2013.
- CODEPLAN. **Patrimônio-territorial Indígena na era urbana latino-americana:** O Santuário dos Pajés, Distrito Federal. Brasília. 2021.
- KRENAK, Ailton. "Brasília não acolhe os povos indígenas", afirma Ailton Krenak. Correio Braziliense. 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2024/06/6878586-brasilia-nao-acolhe-os-povos-indigenas-afirma-ailton-krenak.html> Acesso em: 08/04/2025
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LÉVI-STRAUSS, P. **O pensamento selvagem.** Campinas: Papirus, 1989.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques; BARRETO, Lilian Santos. **Laudo antropológico referente à diligência técnica realizada em parte da área da antiga fazenda bananal, também conhecida como santuários dos Pajés, localizada na cidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil.** Academia Edu. 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/23279098/2011\\_Laudo\\_antropol%C3%B3gico\\_de\\_natureza\\_administrativa\\_sobre\\_a\\_Terra\\_Ind%C3%ADgena\\_Santu%C3%A1rio\\_dos\\_Paj%C3%A9s\\_em\\_Bras%C3%ADlia\\_DF](https://www.academia.edu/23279098/2011_Laudo_antropol%C3%B3gico_de_natureza_administrativa_sobre_a_Terra_Ind%C3%ADgena_Santu%C3%A1rio_dos_Paj%C3%A9s_em_Bras%C3%ADlia_DF) Acesso em: 08/04/2025

<sup>1</sup> Graduando de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília, stephany61902@estudante.ifb.edu.br

<sup>2</sup> Docente de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília, jose.vanderio@ifb.edu.br

<sup>1</sup> Graduando de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília,  
stephany61902@estudante.ifb.edu.br

<sup>2</sup> Docente de Licenciatura em Geografia, Instituto Federal de Brasília, jose.vanderio@ifb.edu.br